

Circuito Histórico-Cultural e Ambiental

aljözür





A Vila e a sua Ribeira

Aljezur é banhada pelas Ribeiras das Cercas e das Alfambras, as quais se juntam no centro da vila formando a Ribeira de Aljezur. O vale que envolve a vila e a extensa e fértil várzea que a Ribeira atravessa são hoje um mosaico de diversos campos agrícolas, lembrando uma manta de retalhos, onde ainda trabalha parte da população local.

Nem sempre, contudo, estas baixas tiveram a utilização que observamos. Como uso humano desde tempos imemoriais, a área onde hoje se situa o centro histórico desenvolveu-se e ganhou notoriedade durante a ocupação islâmica, que marcou a cultura local. Dividida pelas encostas de três cerros, apresenta-nos ainda hoje o seu castelo alcantilado, sobreposto a um casario branco com ruas, ruelas e caminhos sinuosos que descem em direção à Ribeira, que já terá tido a dimensão de rio. Hoje, como então em maior quantidade, a água rodeia a vila, numa configuração que estará associada à origem do seu nome: a palavra árabe al-jazira, cuja proximidade fonética com Aljezur é incontornável.

Durante a presença islâmica, e ao longo dos primeiros séculos após a reconquista, essa era a água de um rio navegável, e a maré chegava a Aljezur. Usada como meio de comunicação

e transporte, permitia a ligação das terras do interior com o oceano e com terras distantes, originando uma intensa atividade portuária e comercial que se centrava na vila e lhe proporcionava um estatuto e reconhecimento equivalente ao de outros importantes portos do Algarve, como Silves e Lagos.

O Castelo e o Porto

A construção do Castelo, com materiais e uma configuração distinta daquela que observamos na atualidade, foi iniciada no período islâmico, tendo provavelmente como objetivo assegurar a proteção do seu porto, produtos e comércio, e da população que deles dependiam.

Com uma localização sobranceira, e articulando com outras torres e atalhas colocados noutros pontos altos do território, era assim possível assegurar uma melhor defesa, contra corsários que ocasionalmente deambulavam pela costa e atacavam as populações.

Após a tomada do Castelo pelas tropas de D. Afonso III, ao longo do período de paz que sucedeu à reconquista, são diversas as fontes que referem o desenvolvimento e manutenção desta atividade portuária, que viria a prolongar-se ao longo de alguns séculos. Em 1504, o foral de



D. Manuel I descreve o porto como tendo muito movimento e albergando pelo menos dez padrões, aos quais idêntico número de barcos podia ser amarrado. O rio era então utilizado para comunicação tanto através da foz, com outros portos e terras distantes, como “por água”, para o interior do território.

Para além de descrições pormenorizadas dos produtos então comercializados, o mesmo foral identifica a possibilidade de aqui acostarem barcos de grande dimensão, até às 130 toneladas. Provavelmente devido a essa dimensão e posicionamento estratégicos, a rede de defesa instalada no período islâmico foi consolidada e passou a integrar outras estruturas, dispersas ao longo da costa – como as fortalezas da Arrifana e da Carrateira -, com as quais se melhorava a proteção da vila e da proveitosa atividade comercial que aqui se desenvolvia.

Apesar de progressivamente perder a importância para outros no que respeita às trocas comerciais com o exterior, em 1755 o porto de Aljezur era ainda reconhecido como um dos mais importantes do Algarve.

Com o tempo, e também devido às alterações do terramoto daquele ano, aquele que era um rio transformou-se numa ribeira assoreada, cuja imagem se aproxima da que hoje observamos.

Datam de 1855 as últimas referências a alguma utilização, embora por razões negativas: terá





sido através dele que se deu a introdução de uma epidemia de cólera que veio a ter grandes repercussões no Algarve. Introduzida na vila a partir da tripulação de um barco que descarregava panos de algodão, propagou-se rapidamente a Lagos e ao resto do Algarve, levando à morte de milhares de pessoas. Poucos anos depois, em 1862, é apresentada a última referência documental à existência do porto, que desaparece dos registos corográficos a partir de 1882.

Produções Locais e Trocas Comerciais

Previamente ao seu assoreamento, o Vale de D. Sancho, ao longo do qual a ribeira corre da vila em direção ao mar, foi portanto palco de um intenso tráfego marítimo. A passagem de embarcações de grande porte ao longo dos “salgados” que marginam o vale seria uma constante, devendo as de maior dimensão acostar no Desembarcadouro, que se situava entre a vila e o oceano.

Paralelamente a esta navegação comercial, Aljezur acolhia e dava abrigo a um conjunto de pequenas embarcações de pesca que se dirigiam à costa para daí trazer atum, cavala, sardinha,



pescada, cachucho, cherne, congro e besugos. Na costa, pescavam-se ainda polvos, xarrosos, lulas e chocos.

A água do rio, que corria em abundância, era também a força motriz para várias azenhas e pisões. Nas azenhas, moíam-se cereais produzidos nos campos. A farinha de Aljezur, e os biscoitos que na vila eram cozidos a partir dela, chegaram a ser alimento essencial para as tripulações de várias das naus que partiam do reino em busca de novas rotas comerciais. Nos pisões, produzia-se fibra de linho, algum de origem local e outro que era trazido de outras regiões, dada a dimensão que a fiação desta fibra chegou a representar na economia local.

Estes e outros produtos procurados pelo exterior asseguraram a existência de uma intensa atividade comercial, que se centrava na parte mais baixa da vila. Aqui chegavam produtos vindos do Norte de África e de outras paragens distantes e daqui saíam produções locais que chegavam ao porto tanto por via fluvial como carregadas por carros de bois, vindos do interior.

No século XV, chegavam ainda a Aljezur barcos da Flandres, Lisboa, Tavira e Castela, transacionando-se panos finos (da Flandres e Inglaterra), panos grosseiros de palma, prata, frutos e legumes, frutos secos, mel, azeite, vinho, especiarias e plantas medicinais, entre outras mercadorias. Sendo o único porto entre Sagres e Alcácer

do Sal, ao longo de uma costa escarpada que apresentava condições difíceis para a navegação, Aljezur apresentava então um caráter estratégico para as rotas comerciais entre o Norte e o Sul.

Na vila, o casario espalhava-se provavelmente como ainda hoje ao longo de pequenas ruas e ruelas, com origem no período islâmico e consolidadas na época medieval, que culminavam em pequenas azinhagas de acesso aos padrões de amarração.

No território envolvente, a atividade agrícola era abundante e centrava-se num conjunto de hortas, pomares, campos de cereais e vinhas, a par com os quais se criavam porcos, vacas, ovelhas e cabras. Para além de alimento, a produção pecuária dava origem a peles que eram curtidas no sítio dos Pelames, junto à ribeira, seguindo técnicas que remontavam à ocupação islâmica.

Uvas e figos eram secos ao sol, de forma a assegurar a sua disponibilidade e conservação ao longo do ano e a sua exportação. Das hortas, provinham produtos frescos como as favas, tremoços, ervilhas, melões, couves, rábanos, pepinos, abóboras, alfaces, cenouras, espinafres, salsa e coentros. Nos incultos, matos e floresta das serranias, produzia-se mel e caçavam-se diversos animais, entre os quais alguns de grande porte como o veado.

O assoreamento da ribeira conduziu ao declínio



da atividade comercial do porto. Contudo, alguns dos antigos padrões de amarração ainda se mantiveram em uso, embora com fins distintos dos originais. A sua utilização ainda hoje persiste na memória local e nos topónimos que, ao longo de décadas, se mantiveram.

Percurso Histórico-Cultural e Ambiental

Muito embora o terramoto de 1755 tenha deixado danos irreparáveis, a configuração atual das principais vias da zona antiga não deverá diferir muito daquela que existia quando a atual ribeira era um rio e Aljezur parecia uma ilha na qual se desenrolava uma intensa atividade comercial.

É nesse contexto que surge o percurso aqui proposto, que poderá constituir a base para uma redescoberta da vila, da sua história, de uma cultura local ainda hoje muito ligada à presença islâmica e de um conjunto invulgar de valores naturais intrinsecamente ligados à presença de água e da atual Ribeira.

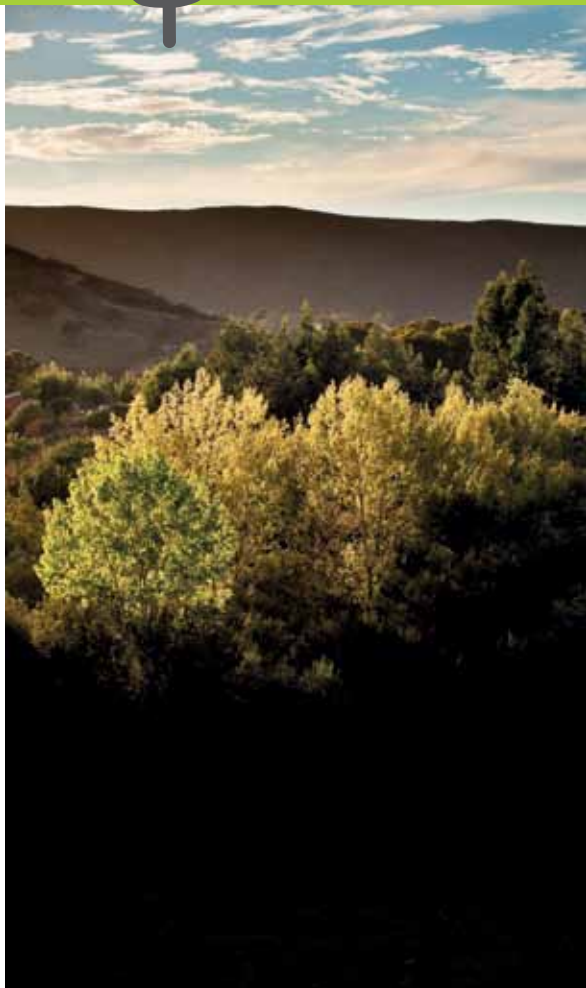
De forma conjugada, estes são aspetos que marcam uma presença singular e constituem sem dúvida um ponto forte para uma visita prolongada, com a qual se procura também despertar a imaginação.



O percurso proposto envolve cerca de 4 Km, incluindo um troço urbano e outro rural, que poderá fazer em cerca de 2 horas, durante todo o ano. Ao longo do percurso, são vários os elementos históricos, culturais e ambientais que marcam presença:

- do ponto de vista **histórico**, salientam-se elementos sobre a memória do antigo Porto de Aljezur, a par com a visita do Castelo que o defendia e de um conjunto de outros monumentos e espaços museológicos de maior relevo;
- do ponto de vista **cultural**, evidencia-se a importância que a presença islâmica teve na criação da vila e na sua cultura, destacando-se neste contexto a visita ao espaço expositivo recentemente inaugurado no Museu Municipal - a sala do **Legado Andalusino**;
- por último, do ponto de vista **ambiental**, o percurso representa uma oportunidade única para o contacto com a biodiversidade local, especialmente a que se associa aos espaços naturais que envolvem a ribeira, elemento que está tão ligado à história e cultura locais.

Ao longo de todo o percurso, encontrará sinalização direcional de apoio, painéis de interpretação dedicados a alguns temas bem como placas informativas e indicativas da maioria dos pontos de interesse. Estão também disponíveis áudio-guias, com narrações de curta duração que incluem uma síntese da informação abaixo apresentada.



Principais Pontos de Interesse e Visita

A Largo do Mercado



Sendo este o ponto de partida aconselhado, não abandone o Largo sem visitar o Mercado. Os produtos fresquíssimos que ali encontra à venda são trazidos diariamente do mar e das hortas aqui próximas. Das frutas aos legumes de variedades locais, passando pelo peixe e pelo marisco, tudo apetece comprar e provar.

Nos produtos regionais destacam-se os figos secos, o amendoim do Rogil – aqui conhecido por alcagoita – e outras tentações gastronómicas que encontrará à venda nas várias bancas. No início do Inverno, a bem conhecida batata-doce tem presença certa. Sendo essa a época de excelência para a sua degustação, não deixe de provar as várias iguarias que poderá encontrar no Festival que lhe é dedicado ou nos diversos restaurantes locais. A batata-doce é usada localmente não só para deliciosas sobremesas como também para um valioso receituário em que se conjuga com a carne, peixe e outros produtos, de forma singular. Caso seja um apreciador, não deixe de consultar o livro que lhe é especialmente dedicado, o qual inclui receituário tradicional e de autor, tendo por alvo este produto certificado: ***Batata Doce de Aljezur – Receitas Tradicionais e de Autor***, editado pela Câmara Municipal de Aljezur.

Antes de iniciar o percurso propriamente dito, junto à ponte, aproveite e observe o painel de azulejos pintados à mão, da autoria da pintora algarvia Alice Anjos, que mostram a zona histórica de Aljezur.

No painel de início de percurso encontrará também informação relativa à localização dos pontos de interesse com que se irá deparar, sobre os quais este roteiro disponibiliza alguma informação adicional.



B Fontanário Público

A água, que hoje dispomos canalizada em nossas casas, foi durante muito tempo um recurso escasso e ao qual nem todos tinham acesso. Em épocas remotas, como ainda hoje em muitas regiões do globo, era nos rios, nas fontes e nos poços que a população se abastecia deste recurso tão essencial à vida. Era também a existência de água que, em muitos casos, condicionava a presença e estabelecimento das populações.

No caso de Aljezur, a água e a ribeira foram elementos determinantes para a fixação da população na vila, ao longo de séculos. Mais recentemente, a construção de fontanários como o que encontrará na Rua da Ladeira, foi essencial para providenciar água de qualidade a toda a população. Só nas últimas décadas do século XX o abastecimento público de água alcançou em Portugal todas as habitações. Até então, era em fontanários que a população podia abastecer-se da água potável para as suas atividades domésticas e demais necessidades diárias.

Tal como nas ribeiras, e posteriormente nos lavadouros públicos, este era um local onde se formavam grupos, contavam histórias e trocavam notícias, num convívio de que os mais idosos ainda se recordam com saudade. Vir buscar água era uma atividade regular que, para além de satisfazer necessidades básicas, integrava uma importante componente social. Levar a água para casa estava associado a cantilenas, brincadeiras, conversas e outras atividades que muito contribuíam para uma maior interação e convívio.

Sendo elementos cuja função de abastecimento era primordial, a maioria dos fontanários desta época não apresenta grande ornamentação ou valor arquitetónico. Representam contudo um marco evolutivo na forma como um recurso indispensável começou a ser disponibilizado de forma generalizada, previamente à distribuição doméstica que hoje conhecemos.





C Museu Municipal



Continuando o percurso irá deparar-se pouco depois com o edifício que atualmente alberga o Museu Municipal, situado no Largo 5 de Outubro. A sua construção data do século XIX e aqui funcionou a Câmara Municipal até à construção das novas instalações, na parte nova da vila, há poucas décadas atrás.

O espólio do Museu divide-se em três espaços: o *Núcleo Arqueológico*, o *Núcleo Etnográfico* e a sala do *Legado Andalusino*, o mais recente dos três.

O *Núcleo Arqueológico* apresenta objetos que testemunham mais de 10.000 anos de presença humana na região. Destacam-se, pela sua antiguidade, os machados Mirenses, as placas de xisto e os pesos de rede, associados a uma presença que se encontrava muito ligada ao uso dos recursos naturais do território. Pelo seu simbolismo histórico, salientam-se ainda a Pedra de Armas com o Brasão da Ordem de Santiago, que se julga proveniente da antiga Igreja Matriz de Aljezur, bem como o fuste do antigo Pelourinho, que originalmente se encontrava no Largo do Pelourinho.

O *Núcleo Etnográfico* apresenta objetos tradicionais ligados ao quotidiano de finais do século XIX e início do século XX. Destacam-se a recriação de um quarto e uma cozinha tradicionais decorados com o respetivo mobiliário, utensílios domésticos e peças decorativas, que nos transportam para uma época na qual a sobrevivência e subsistência eram objetivos básicos de uma vida dura, normalmente ligada ao trabalho no campo e no mar. Em direta relação com essas atividades, o espólio inclui ainda diversas alfaias associadas a tarefas agrícolas, pecuárias e de pesca, que se distribuem pelos restantes espaços do primeiro piso. Resultado de recolhas próprias e de ofertas da população local, este espólio constitui uma memória viva de um período relativamente recente, que tende a desaparecer. Inclui contudo algumas peças e alfaias como charruas, arados e utensílios de pesca, cuja utilização local perdura e que ainda podemos observar nas mãos dos agricultores, pastores e pescadores locais.



A sala do *Legado Andalusino* é o espaço expositivo mais recente. Aberta ao público no âmbito do mesmo projeto com o qual se procedeu à instalação e sinalização do circuito histórico-cultural e ambiental, este espaço exhibe várias peças do período islâmico que têm vindo a ser recolhidas em escavações arqueológicas promovidas em vários locais do concelho. O espólio centra-se sobretudo em material recolhido no Sítio da Barrada, e inclui diversas peças, com destaque para a cerâmica. Numa perspetiva didática, a exposição é acompanhada de informação sobre a utilização das peças expostas no quotidiano e sua relação com outros elementos da cultura islâmica. O espaço foi objeto da edição de um roteiro individualizado, cuja leitura se aconselha a todos quantos pretendam obter informação detalhada sobre as peças expostas e uma visão mais abrangente sobre a presença islâmica no território.

D Igreja da Misericórdia

A Igreja da Misericórdia, que se situa a escassa distância do Museu Municipal, no topo da Rua S. João de Deus, é de origem quinhentista. Foi afetada pelo terramoto de 1755, que destruiu grande parte do edificado e monumentos da zona histórica, mas foi objeto de reconstrução ainda no século XVIII. Voltou a ser intervencionada em 1821, para reconstrução do altar-mor.

A frontaria, que surge do lado direito, é rasgada por um portal renascentista de arco pleno, de 1577, em cima do qual se observa um janelão quadrangular. O interior, de uma só nave, apresenta grande simplicidade. Destacam-se o arco triunfal e o retábulo da capela-mor, em madeira, com decorações em talha de estilo barroco em transição para rococó. O púlpito e a tribuna que com ele confronta datam de 1773, com cadeiral em madeira ornado com o brasão da Santa Casa da Misericórdia.



Para a visitar deverá solicitar acesso no Museu de Arte Sacra, que se encontra ao lado.



E Museu de Arte Sacra Monsenhor Manuel Francisco Pardal



Monsenhor Manuel Francisco Pardal nasceu em Aljezur em 1896 e faleceu em 1979. Após instrução primária em Aljezur, ingressou no Seminário de Faro em 1910, sendo ordenado sacerdote em 1919. Ficou conhecido por ser um excelente padre, professor e também escritor. Teve uma carreira eclesiástica notória, que incluiu a sua nomeação como Monsenhor pelo Papa João XXIII, sendo lembrado como excelente orador e pedagogo. Foi diretor do jornal diocesano “Folha de Domingo”, para o qual escreveu diversos artigos. Escreveu três livros: *Razões da Minha*

Razão, dedicado a Aljezur, *Menina das Águas Frias* e, sob o pseudónimo de Elias Nemésio, o romance *Gente da Serra*, publicado pela primeira vez em 1931, que retrata a vida de Aljezur do princípio do século XX.

O Museu de Arte Sacra que lhe é dedicado foi instalado no ano 2000 junto da Igreja da Misericórdia e é gerido e mantido pela Santa Casa da Misericórdia de Aljezur. Ocupa o antigo hospital da Misericórdia, edificado nos finais do século XVIII, que foi ainda usado como Lar de Terceira Idade previamente às atuais funções.

Exibe peças de arte sacra da Misericórdia de Aljezur e da Paróquia de Nossa Senhora da Alva, a que se associam ofertas e aquisições. As peças expostas, na sua maioria provenientes de espólios locais, estão ordenadas nos expositores do rés-do-chão de acordo com o calendário litúrgico: Advento, Natal, Tempo Comum, Quaresma e Semana Santa, Páscoa, Pentecostes e Tempo Comum. Pela sua antiguidade, destaca-se uma coroa do Espírito Santo do século XIV. Do ponto de vista estético salientam-se ainda, entre outras peças de elevada beleza, um cristo em márfil indo-português, uma imagem de Nossa Senhora da Soledade e uma pintura com imagem de Moisés. Por curiosidade, de referir o sino da antiga igreja matriz de Aljezur, arrasada pelo terramoto de 1755.



De referir ainda, no rés-do-chão, para além dos expositores dedicados ao calendário litúrgico, a presença de um expositor com objetos associados à vida e obra do patrono do Museu. Em pequeno espaço no piso superior, apresentam-se peças de cariz popular associadas à liturgia como missais, imagens de santos, medalhas e outras curiosidades.

F Museu Antoniano

Instalado na antiga Capela de Santo António, edifício que é originalmente do século XVII (provavelmente posterior a 1628, data em que foi autorizada pelo rei a *Confraria do Bem Aventurado Santo António, da Vila de Aljezur*), e ao qual se acede através da Rua do Castelo ou da Rua de Santo António.

Logo após o terramoto de 1755 a Capela substituiu, nas suas funções religiosas, a Igreja Matriz, que foi completamente arrasada. Deixou de servir ao culto no século XIX, passando desde 1809 a ser usada como habitação, até à sua aquisição pela Câmara Municipal em 1995.

Foi recuperada pela Câmara Municipal e transformada neste pequeno Museu dedicado a Santo António, figura bem conhecida e estimada pela população portuguesa.

O espólio exposto, fruto de ofertas e recolhas junto de diversas entidades e particulares, distribui-se por um conjunto de vitrinas que apresentam imagens, quadros, gravuras, livros, moedas, medalhas, estampas e outros objetos relacionados com a temática antoniana.





G Casa-Museu Pintor José Cercas



O pintor José Cercas nasceu em Aljezur em 1914. Faleceu em 1992 e deixou em testamento a sua casa bem como todo o seu conteúdo e espólio artístico à Câmara Municipal, para que desse a conhecer a sua obra.

Após instrução primária em Aljezur e frequência do Seminário de Faro, José Cercas radica-se em Lisboa nos anos trinta do século XX, onde frequenta a Escola de Belas Artes e convive com diversos pintores da época. Aí, inicia a sua atividade artística, dedicando-se essencialmente à pintura de flores, paisagens e retratos. À mesa do café e em tertúlias que frequentava ocupava-se ainda, frequentemente, com desenhos satíricos, de que deixou uma alargada coleção. Neste contexto, conviveu com figuras marcantes da vida cultural e política nacional, em locais como o Café Lisboa, o Nicola, o Gelo, a Brasileira e o Martinho da Arcada. Ao longo da vida, participou em várias exposições coletivas e expôs individualmente no Porto (1952), no Estoril (1954) e em Leiria (1977). As suas obras estão espalhadas por diversos Museus Nacionais e coleções particulares.

No interior da atual Casa-Museu podemos encontrar pinturas da sua autoria e de outros artistas, arte sacra, louças e faianças, esculturas e mobiliário, que pertenciam à sua coleção. As obras de beneficiação promovidas pela Câmara Municipal segundo as disposições e orientações do pintor incluíram a recriação do seu atelier, bem como, de uma forma geral, o respeito pela ocupação que inicialmente se verificava.

Para além do recheio da casa, que reflete a vida do pintor, destaca-se o pequeno jardim exterior que convida ao descanso e a apreciar a paisagem. Daqui se observa uma bela vista da vila nova, construída após o terramoto. No seu casario, destaca-se a atual Igreja Matriz, dedicada a Nossa Senhora da Alva e construída no final do século XVIII para substituir a inicial, cuja localização era bem próxima da atual Casa-Museu.



H Castelo

As escavações arqueológicas realizadas no local onde se situa o Castelo revelam uma sucessão de ocupações, apontando para a sua utilização desde a Idade do Bronze até ao século XVI. A presença de alguns muros e estruturas defensivas cuja origem poderá estar associada à Idade do Ferro apontam para que o local, situado numa posição estratégica e sobranceira, tenha sido sucessivamente ocupado para defesa e proteção.

No período islâmico a ribeira de Aljezur era navegável, a maré chegava próximo e a vila dispunha de um porto com dimensão apreciável. Aljezur seria quase uma ilha, rodeada por terras férteis onde uma população de camponeses e pescadores desenvolvia intensa atividade, cujas produções eram escoadas por via marítima. O Castelo terá sido construído no século X para assegurar a proteção do porto e da vila, integrando o sistema defensivo do território de Silves. Teria ainda funções de celeiro e armazém coletivo e era apoiado por outras torres e atalhas de vigia.

Com uma configuração distinta da atual, terá sido o último castelo do Algarve a ser conquistado aos árabes. Foi tomado em 1249, ao romper da alva, dando origem a que Nossa Senhora da Alva fosse adotada como padroeira da vila. No período cristão, foi modificado e dotado de novas estruturas, no sentido de melhorar as suas funções defensivas e de proteção da atividade portuária que rodeava a vila. Foi definitivamente abandonado a partir de finais do século XV ou inícios do século XVI, por perda de valor estratégico e necessidade de assegurar melhor defesa de outros pontos importantes do litoral algarvio. A descrição do início do seu estado de abandono é atestada nas visitas da Ordem de Santiago de 1482 e 1517. Em 1565, era já descrito como estando “todo desbaratado e sem ninguém a viver nele”.

A entrada do atual monumento, é defendida por uma torre circular. No interior mantém uma cisterna com abóbada, que reflete as origens islâmicas. Anexas às





muralhas são ainda visíveis ruínas de compartimentos que terão sido usados para habitação e aquartelamentos. Também presentes, alguns silos escavados na rocha que serviriam para armazenar mantimentos, sendo igualmente conhecidos vestígios de atividades metalúrgicas, praticadas pelos residentes.

A atual estrutura da muralha, com duas torres, mantém a configuração primitiva e foi alvo de importantes obras de restauro ao longo do século XX. As suas anteriores funções

defensivas deram entretanto lugar às de um excelente miradouro, com vistas que se alongam, para poente, até ao mar. A nascente, permitem-nos percorrer o vale e várzeas de Aljezur, e alcançar os cabeços arredondados da serra de Monchique.

Do cimo das muralhas, a Ocidente, desfrutam-se magníficas panorâmicas para o vale de D. Sancho, que se estende até à praia da Amoreira.

Na direção oposta, o pitoresco casario branco da vila velha, que se dispõe em socalcos até à ribeira. No seu miolo, próximo da travessa do Castelo, chegaram a existir a antiga mesquita e a primitiva igreja matriz de Nossa Senhora da Alva, que ruiu com o terramoto de 1755. Atualmente, destaca-se a presença da Igreja da Misericórdia e alguns dos outros pontos de interesse por onde passa o percurso.

A ribeira, e a várzea que se alarga a partir das suas margens, marcam a divisão entre a parte velha e a parte nova da vila. Para lá da várzea, em local plano e mais desafogado, foi construída no século XVIII a nova Igreja Matriz, ao longo de um processo atribulado com o qual se pretendeu mudar a população para zonas mais seguras, após a devastação causada pelo terramoto. Durante a sua construção encontraram-se vestígios de ocupações bem mais antigas, daqui sendo originárias algumas das placas de xisto que se expõem no Museu Municipal. Bem próximo, embora pouco visíveis, situam-se os silos da Barrada, de cujas escavações recentes provem grande parte do espólio de cerâmica muçulmana igualmente apresentado na sala do **Legado Andalusino** do Museu Municipal.



Ao longe destaca-se a silhueta da serra de Monchique, cujo ponto mais elevado – a Fóia - é o mais alto do Algarve. Na serra, as temperaturas amenas garantem a existência de uma vegetação muito rica, de onde se destaca, pela sua raridade, o carvalho-de-Monchique. Igualmente peculiar é a presença de outras espécies raras no sul de Portugal como o castanheiro, o carvalho-cerquinho ou o carvalho-roble, que conferem à paisagem um esplendor surpreendente e refrescante, atestando condições de humidade que não existem na envolvente da serra.

I Fonte das Mentiras

Situada à beira do caminho que ladeia a ribeira e a encosta poente da vila, a Fonte das Mentiras é uma pequena fonte de pedra, cuja relevância é sobretudo dada pelo facto de ser a origem de várias lendas locais.

Na sua maioria, todas referem a ligação da fonte ao Castelo, através de uma galeria apenas conhecida por alguns, naquele que é apenas um exercício da imaginação. Talvez daí advenha o seu nome, já que a veracidade das mesmas é questionável, apenas se devendo assegurar a sua divulgação com fins inócuos, de cariz cultural e social, como aqueles que geralmente estão associados à literatura oral.



A mais marcante destas lendas refere que, através dessa passagem secreta, teria fugido uma bonita princesa moura, amada por um cristão, à época da conquista de Aljezur, em 1249. Outra refere que teria sido através da fonte e da sua galeria que os cristãos teriam entrado no Castelo e assegurado a sua conquista. A **Lenda da conquista do Castelo**, que se apresenta sob estas e outras versões, é ainda hoje parte importante do imaginário e da cultura local, tendo sido objeto da edição de uma pequena banda desenhada que procura divulgá-la junto do público mais jovem.



J Ribeira de Aljezur – troço Nascente



O troço da ribeira que se situa em frente à vila apresenta uma vegetação bem diferente da observada na encosta Poente.

A existência de amieiros é indício da presença de uma maior quantidade de água doce ao longo de todo ano, mesmo que apenas correndo abaixo da superfície. Esta árvore, com folhas arredondadas bem distintas, necessita de manter as suas raízes “encharcadas” para sobreviver. Por isso, os amieiros a que dá origem são mais sombrios e

húmidos do que outros bosques ribeirinhos.

Prioritários para a conservação da natureza, estes habitats são muito importantes para vários animais que dependem dessas condições. Os troços de amieiro que aqui observamos, embora degradados devido às canas que o envolvem e ameaçam, são uma relíquia de outros, provavelmente mais extensos, que acompanhavam a ribeira quando esta ainda apresentava um maior caudal.

De introdução mais recente, destacam-se ainda na sua envolvente os choupos, de maior dimensão e cuja madeira suave foi durante muito tempo apreciada para fabrico de utensílios e ferramentas de apoio à agricultura e pesca como as que se conservam no Museu Municipal.

Para além das árvores, e das hortas que rodeiam este troço, de onde sai muita da produção de batata-doce e de outros hortícolas que encontra à venda no mercado, parte da envolvente é ocupada para pastoreio de vacas, com as quais provavelmente se irá confrontar.

Não tenha medo destes animais que, apesar do seu grande porte, são pacíficos e não conflituosos. Geralmente são guardados por alguns cães que, na ausência do pastor, fazem o seu papel e mantêm o gado dentro das cercas, ladrando mas não sendo agressivos a quem passa.



Com tempo e paciência poderá observar neste troço algum cágado-mediterrânico, espécie protegida que aqui apresenta uma população de dimensão apreciável. Passando grande parte do tempo ao sol, rapidamente salta para dentro de água assim que se sente ameaçado.

Outros animais igualmente esquivos mas também observáveis nestas paragens são o guarda-rios, ave de plumagem multicolor que tende a fugir da nossa vista em voos rápidos e silenciosos, e algumas espécies de peixes como a boga e o bordalo, característicos de cursos de água mediterrânicos.

J' Ribeira de Aljezur – troço Poente

Da vila à foz, a ribeira de Aljezur apresenta nas suas margens um conjunto de sapais, esteiros e pastagens húmidas que, devido à abundância de água e alimento, são a base para a existência de um conjunto alargado de fauna selvagem. Parte destas áreas - inseridas no *Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina* e na *Rede Natura 2000* - é ainda utilizada para a pecuária extensiva, numa salutar convivência da ocupação humana com a conservação da biodiversidade e da paisagem que é raro observar. O pequeno estuário que apresenta junto à costa é local de abrigo e desova de algumas espécies de peixes que dele dependem para sobreviver.



As galerias e bosques ribeirinhos que exhibe, rasgando a paisagem do vale em meandros que parecem serpentejar, proporcionam condições únicas de refúgio e alimento para vários animais protegidos e ameaçados, sendo também habitat de excelência para algumas espécies de flora apenas aqui existentes.

Neste troço do percurso, o bosque ribeirinho é dominado por salgueiros e freixos, espécies mais tolerantes a variações da presença de água como as que aqui se



fazem sentir. São bosques densos, quase impenetráveis, que constituem autênticos corredores ecológicos através dos quais vários mamíferos se movimentam em segurança e onde a nidificação de aves é frequente por não ser perturbada.

No seu interior, são muitos os indícios de presença da lontra, que aqui se alimenta de peixes, anfíbios e crustáceos diversos, deixando bem evidentes as suas pegadas nas margens enlameadas. Em zonas mais afastadas e sobre-

elevadas, faz pequenas latrinas onde os dejetos são usados para marcar o território que considera pertencer-lhe, alertando outros para a sua presença e para que não o ocupem. A população aqui existente, bem conservada e alvo de vários trabalhos de investigação, é a última em Portugal e das poucas da Europa nas quais se conhecem deslocações regulares até à costa, onde este animal de água doce parece também gostar de ir buscar marisco e outras iguarias que não encontra na ribeira.

Na envolvente imediata do bosque ribeirinho surgem áreas alagadiças onde juncos e outras plantas associadas a charcos temporários são o habitat de excelência para muitas espécies de anfíbios que, com alguma calma e paciência, são relativamente fáceis de observar. Ao fim do dia, sobretudo em dias quentes, estes são espaços de excelência para escutar autênticas orquestras, com os chamamentos de rãs, relas, sapos e outros animais a sobrepor-se e a dar lugar a uma sinfonia singular.

O valor natural desta área não se restringe ao seu ambiente terrestre. Pelos ares, é aqui possível observar mais de uma centena de aves, que justificam a classificação da área como "importante para as aves" em contexto internacional. A ribeira e o seu estuário apresentam condições ideais para nidificação ou paragem, em rotas migratórias, de várias espécies cuja presença é rara em muitos outros locais. Destaca-se a possibilidade de observar, ao longo do ano, espécies com estatutos de conservação importantes como a garça-vermelha, a águia de Bonelli, o tartaranhão-azulado, o tartaranhão-caçador e o falcão-peregrino.



Na envolvente do bosque ribeirinho surgem também, ao cair do dia, várias espécies de morcegos, que aqui encontram em abundância os insetos de que se alimentam. No território, em pequenas cavidades naturais, conhecem-se alguns abrigos importantes para a conservação destes animais, que hibernam durante o período mais frio. Das espécies conhecidas, destacam-se algumas cuja conservação se encontra ameaçada como o morcego-de-ferradura-grande, o morcego-de-ferradura-pequeno, o morcego-de-ferradura-mourisco e o morcego-de-franja, que se alimentam essencialmente em voo, mas também o morcego-rato-pequeno, que pode alimentar-se de escaravelhos e outros insetos presentes nas pastagens por onde durante o dia circula o gado.

K Matos Mediterrânicos e Plantas Aromáticas

A vegetação que margina o percurso no lado oposto ao troço poente da ribeira é um bom indicador do clima com influências mediterrânicas que aqui se faz sentir.

Dominadas por plantas bem habituadas a conviver com climas quentes, as encostas oferecem-nos arbustos de maior dimensão como medronheiros, estevas e murtas, que são a base de matos e matagais associados a terrenos com características secas, aos quais surgem geralmente associadas muitas espécies aromáticas como o rosmaninho, o alecrim, sargaças e outras plantas de menor dimensão.

O seu conjunto exala, ao longo do ano, diversos aromas, cuja intensidade vai variando. A secura fomenta a produção dos óleos e essências que protegem as folhas e flores destas plantas da desidratação provocada pelo calor. Com temperaturas mais elevadas, os seus aromas atingem o auge, sendo assim o Verão a estação de excelência para melhor os sentir e descobrir.





Geralmente, o aroma da esteva domina, mas quem tenha bom olfato poderá facilmente identificar a presença de outros menos conhecidos mas igualmente agradáveis como os do rosmaninho, da murta, do alecrim, da hortelã, da nêveda, entre outros.

Para além de aromas fortes, a maioria destas espécies apresenta características medicinais, às quais se recorreu ao longo de gerações. Quando o acesso a terapias e fármacos como os que hoje dispomos era escasso, era com base na recolha de muitas destas plantas e preparação dos correspondentes chás, infusões, pomadas e outras mezinhas que a população local lidava com as adversidades de saúde com que se deparava. Nalgumas situações, o uso era menos objetivo e relacionava-se com a necessidade de fazer face a medos, ansiedades e tradições de uma cultura marcadamente rural, a que a existência de bruxas e maus-olhados não era alheia.

Noutros casos, a recolha era feita para uso condimentar, originando sabores únicos que associam a gastronomia local à paisagem envolvente. Sabores e odores que na sua maioria perduram e podem ainda ser degustados em vários dos pratos tradicionais que constituem parte da oferta proporcionada pelos restaurantes locais.

Caso esta seja uma temática que lhe agrade, poderá encontrar mais informação, útil e detalhada, no guia de *Plantas e Usos Medicinais Populares* editado pela Câmara Municipal. Profusamente ilustrado com imagens das espécies mais comuns e acompanhado de informação sobre os usos que tradicionalmente lhes eram dados, este é um elemento essencial para quem pretenda conhecer e descobrir várias das plantas que aqui se observam. A sua leitura constituirá ainda uma oportunidade única para melhor perceber a estreita relação destas plantas com a cultura e gastronomia locais.



L Antiga Estalagem e Casa da Portagem

Até ao século XVI, naus e caravelas que transportavam produtos entre a Europa e a costa africana procuravam abrigo em Aljezur onde se abasteciam de água e biscoitos necessários à viagem e desenvolviam trocas comerciais. A população local trocava os seus produtos hortícolas, frutos secos, peles, mel, azeite, linho e vinho por panos, materiais para tinturaria, fios e cordas, especiarias e plantas medicinais.

Para além da Cisterna, que ainda hoje subsiste embora transformada em sala de uma habitação, a envolvente do porto incluía outras importantes estruturas de apoio à atividade portuária: a Estalagem e a Casa da Portagem. Destas, a atualidade apenas nos reserva a indicação dos locais onde provavelmente se situaram, que são por isso assinalados ao longo da Rua Dr. César Viriato França.

O movimento de embarcações que chegava e partia, trazendo e levando mercadorias, implicava a passagem e permanência das tripulações dos barcos, que era necessário alimentar e acomodar. Era na Estalagem que os viajantes asseguravam estadia alimentando-se de produtos locais como aqueles com que ainda hoje nos vemos confrontados mas também de outros entretanto desaparecidos - como o veado que então vagueava pelas serranias – ou que caíram em desuso. A confeção e apresentação destas refeições não deveria diferir muito das práticas islâmicas que antecederam o período cristão e sobre as quais o espólio arqueológico apresentado no Museu Municipal apresenta informação adicional. Nas horas mortas, a ocupação do tempo decerto incluía o vinho servido em grandes jarros e alguns jogos como o cric-crac, uma versão ancestral do conhecido jogo “três em linha” que ainda hoje faz parte do universo de jogos tradicionais.





A Casa da Portagem, como o seu nome indica, era o edifício da administração no qual se procedia ao controle das mercadorias e pagamento de taxas inerentes à atividade portuária. A sua regulamentação encontrava-se devidamente enquadrada nos sucessivos forais que foram atribuídos à vila. Para além de aspetos genéricos incluídos noutros forais, eram aí regulamentadas questões específicas da vida, produções e atividades locais.

M Antiga Cisterna do Porto



Conhecendo bem a importância que a água representa para a sobrevivência, fixação e lazer das populações, os nossos antepassados árabes foram exímios no desenvolvimento e construção de estruturas que permitiam o seu armazenamento e aproveitamento. Em zonas áridas como o Algarve, a água da chuva era encarada como um bem precioso, e tudo era feito para a recolher e armazenar. Na maioria dos casos, era armazenada em cisternas, de maior ou menor dimensão consoante a disponibilidade e as necessidades locais.

Com o progressivo desenvolvimento de outros métodos de captação e recolha, principalmente os que se associam à captação subterrânea e a sua posterior distribuição, estas construções foram perdendo importância, mas constituem parte do legado islâmico que está associado à maioria das habitações.

Nos nossos centros históricos, edifícios insuspeitos encerram por isso, em muitos casos, antigas cisternas, cujo uso inicial se perdeu. É o caso desta habitação localizada na Rua Dr. César Viriato França, que se sabe ter sido a antiga cadeia de Aljezur. Situava-se em frente ao porto e seria o local onde se mantinham presos os escravos que chegavam nos barcos e onde as tripulações se abasteciam da água potável necessária às viagens, na quantidade e com a qualidade desejada.



Apresentando características idênticas à cisterna do Castelo, esta antiga cisterna deixou de cumprir as suas funções, sendo usada atualmente como sala de uma casa de habitação.

N Azinhagas de acesso aos antigos padrões de amarração

Muitas das ruas e ruelas que descem a encosta da vila velha dão acesso à ribeira de Aljezur, onde outrora existiu, como já referido, um importante porto fluvial. O foral de D. Manuel I, atribuído à vila em 1504, refere um porto movimentado onde podiam atracar, em simultâneo, pelo menos dez barcos, que acostavam junto de padrões de amarração, entretanto desaparecidos.

Para além de locais de amarração mais distantes, entre a vila e o mar – caso do Desembarcadouro, localizado onde hoje vemos os sapais e prados húmidos do Vale de D. Sancho – o porto incluía um conjunto de vários pontos fixos de amarração, colocados ao longo da zona ribeirinha a Poente e Nascente da vila. Entre outros, destacam-se os portos do Sr. Neves, da Sra. Senhorinha, das Percas, da Vila, do Aguadouro e da Aberta, cuja utilização e toponímia permanece na memória dos mais idosos. Pequenas azinhagas conduziam a estes locais, alguns dos quais foram devidamente identificados no âmbito do projeto de sinalização associado à instalação desde percurso

O progressivo assoreamento e o fim da navegabilidade e da atividade portuária determinaram o fim da utilização destas azinhagas, que passaram a conduzir a locais de reduzida utilidade para a vida local atual. No sentido de auxiliar uma melhor perceção daquela que poderá ter sido a vida portuária de então, as obras associadas à instalação do percurso incluíram a sua recuperação, bem como a sinalização dos locais onde terão existido alguns dos antigos padrões de amarração.





A caminhada até à ribeira é curta e não muito cansativa, valendo a pena fazê-la e visitar o antigo Porto da Ribeira, recorrendo ao melhor da sua imaginação para remontar a tempos antigos e procurar descobrir a azáfama que aqui existiu outrora.

Largo do Pelourinho



No centro do Largo do Pelourinho, existiu em tempos um pelourinho quinhentista, símbolo da administração e autonomia da vila.

A sua coluna ereta, erguida no meio daquela que então era a principal praça da vila serviu na idade média, para julgamentos e execuções públicas de delinquentes e criminosos.

Era aqui que as regras e leis dos forais concedidos à vila eram aplicados pelos seus administradores, de forma que permitisse a sua disseminação pública e a dissuasão de práticas contrárias. Símbolo da autoridade administrativa, do pelourinho quinhentista resta atualmente apenas um fragmento, que se encontra conservado no Museu Municipal.

Com uma configuração provavelmente mais larga e aberta do que a que atualmente observamos, o Largo do Pelourinho terá sido palco para as principais intervenções de cariz público registadas ao longo da história da vila. Na atualidade, constitui sobretudo um lugar de passagem, salientando-se contudo as vistas que se disfrutam do seu miradouro, frente ao Museu Municipal. Daqui se observam a vila nova, a ribeira, e as várzeas agrícolas, com um pormenor que não se obtém a partir de outros locais.



P Ruínas da Antiga Ponte de Pedra

Da atual ponte rodoviária a que se acede na variante PR1.1 do percurso é possível observar não só a confluência das ribeiras de Aljezur e do Areeiro - que daqui prosseguem o seu curso em direção ao mar - como também as ruínas da antiga ponte de pedra que existiu neste local.

Bem próximo daqui encontram-se vestígios de outro lugar bem registado na memória dos habitantes locais, o chamado escama-peixe. Tratava-se de uma represa de água, que era desviada da ribeira para o moinho do Serradinho, para assegurar o seu funcionamento. De acordo com as memórias dos mais idosos este era um local agradável onde as mulheres lavavam a roupa enquanto as crianças se divertiam a tomar banho. O seu nome está provavelmente relacionado com o fato de este ser um espaço muito utilizado para a pesca, especialmente de enguias, que tinham de o cruzar nas suas migrações, mas também de bogas, bordalos e outros peixes que os mais pequenos se entretinham a apanhar.



Q Parque de Merendas

Logo após a ponte, o pequeno parque de merendas convida a uma pequena paragem para revigorar forças.

Aproveite este espaço para imaginar quão diferente a sua dinâmica seria quando a ribeira era um rio e por aqui ainda passavam embarcações vindas dos mais variados portos.

Não deixe também de observar o painel em baixo relevo e o poema dedicados à mondadeira. Alusivos a uma profissão e trabalhos agrícolas que entretanto desapa-





receram, trazem memórias da cultura do arroz, que marcou a paisagem das várzeas de Aljezur na primeira metade do século XX e sobre os quais o Museu Municipal também apresenta, no seu Núcleo Etnográfico, alguma informação adicional.

R Casario da Vila Velha



O casario branco da vila velha distribui-se em linhas que acompanham a ondulação do terreno, ocupando as encostas dos três cerros em que a mesma se instalou.

A imagem do casario que atualmente se observa é quase a mesma de finais do século XIX, como atestam as fotografias de 1880 que se encontram no Museu Municipal. Mas nem sempre esta imagem, semelhante à de outras povoações do sul, terá apresentado este aspeto. No início daquele século, viajantes ingleses que

por aqui passaram salientam exatamente que, contrariamente ao que verificavam noutras povoações algarvias como Vila do Bispo ou Odeceixe, o casario de Aljezur nem sempre se encontrava caído. As fachadas exibiam então apenas a pedra e terra que hoje se escondem atrás da cal, com um impacto visual bastante distinto do que atualmente observamos.

O terramoto de 1755, que causou grande destruição na vila, não será provavelmente alheio a essa situação, assim como o declínio que Aljezur e o seu porto viviam na época em que aquele viajante por aqui passou. A opção de reconstruir a Igreja Matriz e uma vila nova em local mais amplo ajudaram a que outras atividades se gerassem e ao regresso a uma dinâmica que se havia perdido ou parecia comprometida.

Paralelamente, a vila velha beneficiou dessa nova dinâmica, conservando com poucas alterações o traçado medieval das suas ruas e a disposição das suas casas, e gerando também os recursos necessários à conservação, valorização e pintura das fachadas, como atualmente as observamos.



S Antigo Cemitério e Ruínas da Antiga Igreja Matriz

O local onde esteve instalado o antigo cemitério de Aljezur, pelo qual o percurso passa a caminho do castelo, foi objeto de campanha arqueológica em 2008, tendo por objetivo o seu estudo.

No âmbito desses trabalhos, confirmou-se que a antiga Igreja Matriz, arruinada com o terramoto de 1755, se localizava neste espaço. Na atualidade, este é um ponto de interesse que ainda não se encontra visitável e que carece de trabalhos dirigidos ao seu estudo e valorização.

As escavações realizadas confirmam a presença da estrutura daquele templo, dedicado a Nossa Senhora da Alva, bem como a provável utilização de parte da sua alvenaria para a construção do muro do cemitério e de habitações próximas.

As fontes mais antigas sobre a Igreja enunciam características construtivas medievais do tipo românico, incluindo planta de nave única e localização do campanário junto à parede Sul. Acedia-se ao seu interior por três portais de ogiva, o maior dos quais ostentava o brasão da Ordem de Santiago e se situava no topo de uma pequena escadaria. Foi objeto de sucessivas obras de beneficiação e reparação, promovidas pela Ordem de Santiago, durante o século XVI, alterando a estrutura original do altar-mor, que teria sido reedificado sob influência manuelina, com remoção dos frescos que decoravam as paredes e construção da sacristia. Problemas estruturais na cobertura do telhado e o mau estado do piso obrigaram a sucessivas obras de melhoria e beneficiação, até à sua ruína, por via do terramoto.



-  **Circuito AJZ-PR1**
-  **Circuito AJZ-PR1**
-  **Zona Histórica**
-  **Floresta Mediterrânica**
-  **Galeria Ripícola**
-  **Zambujal**
-  **Eucaliptal**





Percurso e Pontos de Interesse



- A** Largo do Mercado
- B** Fontanário Público
- C** Museu Municipal
- D** Igreja da Misericórdia
- E** Museu de Arte Sacra Monsenhor Manuel Francisco Pardal
- F** Museu Antoniano
- G** Casa-Museu Pintor José Cercas
- H** Castelo
- I** Fonte das Mentiras
- J** Ribeira de Aljezur - troço Nascente
- J'** Ribeira de Aljezur - troço Poente
- K** Matos Mediterrânicos e Plantas Aromáticas
- L** Antiga Estalagem e Casa da Portagem
- M** Antiga Cisterna do Porto
- N** Azinhagas de acesso aos antigos padrões de amarração
- O** Largo do Pelourinho
- P** Ruínas da Antiga Ponte de Pedra
- Q** Parque de Merendas
- R** Casario da Vila Velha
- S** Antigo Cemitério e Ruínas da Antiga Igreja Matriz



Promotor:



Parceiros:



casas brancas
COSTA ALGARVEANA E VIZINHA



TURISMO DE
PORTUGAL



algarve

